



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Maitê Melo Mota

CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO
FRENTE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: REVISÃO
INTEGRATIVA

Florianópolis

2018

Maitê Melo Mota

**CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO
FRENTE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: REVISÃO
INTEGRATIVA**

Trabalho de conclusão de curso, referente à disciplina: Trabalho de conclusão de curso II (INT5182) do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Grau de Enfermeiro.

Orientadora: Dra. Maria Lígia Dos Reis Bellaguarda

Co-orientador: Dra. Maria Itayra Padilha

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Melo Mota, Maitê

CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO
FRETE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: REVISÃO
INTEGRATIVA / Maitê Melo Mota ; orientador, Maria Lígia
dos Reis Bellaguarda, coorientador, Maria Itayra Padilha,
2018.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Saúde, Graduação em Enfermagem, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

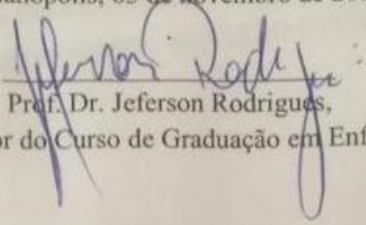
1. Enfermagem. 2. Enfermagem. 3. Educação em Saúde. 4.
Doença Sexualmente Transmissível. 5. Adolescente. I. Lígia
dos Reis Bellaguarda, Maria . II. Itayra Padilha, Maria.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Enfermagem. IV. Título.

Maitê Melo Mota

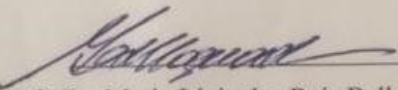
**CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO
FRENTE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: REVISÃO
INTEGRATIVA**

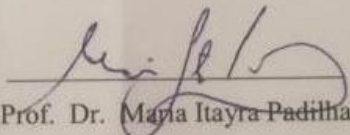
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado como requisito parcial para obtenção do Título de “Enfermeiro” e aprovado e sua forma final pelo Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

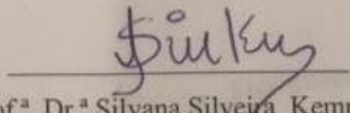
Florianópolis, 05 de novembro de 2018

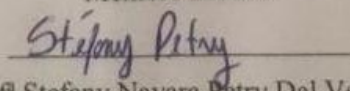

Prof. Dr. Jeferson Rodrigues,
Coordenador do Curso de Graduação em Enfermagem

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Maria Lígia dos Reis Bellaguarda
Orientadora e Presidente


Prof. Dr. Maria Itayra Padilha
Coorientadora


Prof.ª Dr.ª Silvana Silveira Kempfer
Membro Efetivo


Enfª Stefany Nayara Petry Dal Vesco
Membro Efetivo

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Henrique e Aline que sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus objetivos e ao meu marido Eduardo o qual sempre esteve ao meu lado me ajudando a enfrentar todas as dificuldades.

RESUMO

As infecções sexualmente transmissíveis são um problema de saúde pública comum em todo o mundo, tanto em homens como em mulheres tornando essas pessoas mais vulneráveis a outras doenças. A grande expansão do HIV/Aids na população jovem, não somente acontece devido à falta de informação, como também é resultado de alguns fatores culturais que acontecem contra a sua prevenção, isso determina que em países com regiões de menor desenvolvimento acontece um aumento na propagação das infecções por transmissão sexual entre a população mais jovem. Neste estudo o objetivo foi descrever o papel da enfermagem nos processos de educação para a saúde acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis, nas escolas de ensino médio brasileiro, no período de 2007 a 2018. Realizada uma revisão integrativa na literatura e encontrado duzentos e setenta trabalhos na área, porém apenas nove foram contemplados nos critérios de inclusão do trabalho. A leitura na íntegra dos nove artigos possibilitou analisar os resultados, foi composta grelha de análise onde emergiram duas categorias: Abordagem da Enfermagem no ensino médio acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis, em que versa sobre as melhores maneiras de realizar a educação em saúde no que se refere à temática. Emergindo estratégias tecnológicas, *blogs*, *websites*, jogos educativos e dinâmicas, rodas de conversa, palestras acerca do assunto realizada por profissionais da saúde. E educação permanente com os servidores, para dinamizar o diálogo sobre infecções sexualmente transmissíveis, grupo de apoio e diálogo com o familiar. A segunda categoria intitulada: Relação adolescente, educador, enfermeiro e família no Ensino médio: contextos para a educação em saúde traz a relação estabelecida a partir de habilidades e integração da família e os educadores. Diante dessa realidade, o enfermeiro como educador em saúde exerce papel fundamental na construção do processo ensino e aprendizagem. Já a família assume um papel importante na vida sexual dos adolescentes, no entanto, a família precisa estar preparada para orientá-los quanto aos seus anseios e suas dúvidas e o professor geralmente se constitui como a primeira opção, entre os adolescentes, como fontes de informação sobre IST, ratificando a sua importância na função natural de educador. A participação do enfermeiro no ensino escolar é uma possibilidade importante para a promoção da saúde. A relação e compartilhamento de ações: escola, serviço de saúde, enfermeiros, pais e educadores emerge como contexto de socialização, de experiências e saberes, para a qualidade de vida na sociedade.

Palavras-chave: Enfermagem. Educação em Saúde. Doença Sexualmente Transmissível. Doença transmissível. Adolescentes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma da coleta de dados e seleção dos estudos que compõem a amostra, Florianópolis, 2018	21
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos incorporados à revisão integrativa, Florianópolis, 2018.....23

Quadro 2 - Resultados da Análise de conteúdo por presença temática, Florianópolis, 2018.....18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aids – *Acquired Immune Deficiency Syndrome*

BDENF – Base de dados de enfermagem

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CCUMED – Centro Nacional de Informação de Ciências Médicas de Cuba

CVSP – Campus Virtual de Saúde Pública

DeCS - Descritores em Ciências da Saúde

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

GEHCES – Laboratório de Pesquisas da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde

HIV – *Human Immunodeficiency Virus*

IBECS – *Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud*

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

LILACS – Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

LIS – Localizador de Informação em Saúde

MEDLINE – Literatura Internacional em Ciências da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PBE – Prática Baseada em Evidência

PSE – Programa Saúde na Escola

SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVO	17
3. MÉTODO.....	18
3.1 TIPO DE ESTUDO	18
3.2 COLETA DOS DADOS	19
3.2.1 Critérios de Inclusão das fontes:	20
3.2.2 Critérios de exclusão das fontes:	20
3.3 ANÁLISE DOS DADOS	20
4. RESULTADOS	21
4.1 MANUSCRITO: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM.	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXO A.....	45

1. INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) ainda são um problema de saúde pública comum em todo o mundo, tanto em homens como em mulheres tornando essas pessoas mais vulneráveis a outras doenças. As IST são causadas por mais de 30 agentes etiológicos entre eles vírus, bactérias, fungos e protozoários, com sua transmissão sendo principalmente, por contato sexual, mas pode ocorrer por via sanguínea e a transmissão ainda pode acontecer verticalmente durante a gestação, no parto ou na amamentação. (BRASIL, 2015).

A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), a partir do Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016 porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas (BRASIL, 2016)

Segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS), a cada ano, estima-se que 500 milhões de pessoas adquirem uma das IST curáveis (gonorreia, clamídia, sífilis e tricomonas). Da mesma forma, calcula-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital (HSV-2, do inglês Herpes Simplex Vírus tipo 2) e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectadas pelo HPV (UNAIDS, 2016).

No Brasil a sífilis congênita é de notificação compulsória nacional desde o ano de 1986; a sífilis em gestante, desde 2005; e a sífilis adquirida, desde 2010. Os casos de gestante vivendo com *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) e *Acquired Immune Deficiency Syndrome* (Aids) e criança exposta ao HIV passaram a integrar o Sistema Nacional de Vigilância em 2000; os casos de hepatite B, em 1998, e os de hepatite C, em 1999. A notificação é obrigatória no caso de sífilis adquirida, sífilis em gestante, sífilis congênita, hepatites virais B e C, aids, infecção pelo HIV, parturiente ou puérpera e criança exposta ao risco de transmissão vertical do HIV e a síndrome do corrimento uretral masculino e de notificação compulsória (BRASIL, 2015).

De 2007 até junho de 2017, foram notificados no Sistema de informação de agravos de notificações (Sinan) 194.217 casos de infecção pelo HIV no Brasil, sendo 96.439 (49,7%) na região Sudeste, 40.275 (20,7%) na região Sul, 30.297 (15,6%) na região Nordeste, 14.275 (7,4%) na região Norte e 12.931 (6,7%) na região Centro-Oeste. No ano de 2016, foram

notificados 37.884 casos de infecção pelo HIV (BRASIL, 2017). Ainda no Brasil, em 2014 foi identificado um aumento significativo de novos casos de HIV/aids nas faixas etárias dos 13 a 19 anos, com predominância em jovens de 20 a 29 anos. Entre a faixa etária dos 13 a 19 anos, observou-se um aumento da contaminação em homens (BRASIL, 2017).

Em 2015, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York foi decidido um plano de ação voltado para as pessoas, o planeta e a prosperidade, chamado de Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Essa agenda tem como objetivo melhorar as oportunidades para os jovens através do acesso à educação de qualidade, serviços de saúde e oportunidades de emprego, através da igualdade de gênero e empoderamento de meninas e mulheres. O empoderamento de jovens é fundamental para a resposta à aids (UNAIDS, 2016).

A grande expansão do HIV/Aids na população jovem, não somente acontece devido à falta de informação, como também é resultado de alguns fatores culturais que acontecem contra a sua prevenção. Isso determina que em países com regiões de menor desenvolvimento acontece um aumento na propagação das infecções por transmissão sexual entre a população mais jovem. A incidência de mortalidade pelo vírus HIV/Aids em jovens latino-americanos de ambos os sexos (2,9 por 100 mil), embora inferior à dos adultos entre 25 a 44 anos (16,9 por 100 mil), não deixa de ser alarmante (BRÊTAS et al., 2009).

A adolescência é um período marcado por transformações biopsicossociais, onde ocorre a transição da infância para a maioridade, caracterizada por um período de mudanças de comportamentos, nela têm a maturação psicológica com estruturação da personalidade, a sexualidade encontra-se mais exacerbada, ocorre uma busca pela aquisição de características de adulto, além do início da independência econômica e como consequência a saída da casa dos pais (GENZ et al., 2017).

Os adolescentes estão dentro da população vulnerável à infecção pelo vírus do HIV, seja em países subdesenvolvidos ou até mesmo nos desenvolvidos, sendo percebido por diversos fatores relacionados, dentre eles: biológicos, psíquicos, sociais e econômicos. Há um maior risco às IST's entre os jovens e adolescentes com baixos níveis de instrução e socioeconômico, estudos indicam que as pessoas que vivem na pobreza e tem um baixo índice de educação são as mais susceptíveis as IST's no Brasil (CHAVES et al., 2014)

Os adolescentes podem vivenciar práticas sexuais inseguras devido à falta de informações, pela ausência de comunicação com familiares, pela existência de tabus ou por medo de

assumir uma relação sexual perante a família (GENZ et al. p.2, 2017).

Os adolescentes que estão incluídos nas escolas, cada dia mais demonstram maiores curiosidades sobre sexualidade e IST/HIV/Aids, no entanto, os professores não tem o aporte educacional para trabalhar o assunto em sala de aula. Embora a população adolescente tenha algum conhecimento elementar sobre IST/HIV/Aids, ainda necessitam de educação efetiva para adquirir conhecimentos e habilidades que modifiquem seu comportamento e promovam a prevenção destas infecções (CHAVES et al., 2014). Assim, os adolescentes apresentam necessidades específicas que devem ser alcançadas por meio das políticas públicas de saúde do país, tais como ações de controle e prevenção do HIV/Aids, favorecendo a participação do jovem como sujeito na prevenção e promoção da sua saúde (CHAVES et al., 2014)

Um dos programas que envolve a saúde e a escola é o *Programa Saúde na Escola* (PSE) que é uma política entre os setores do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação, instituído em 2007, por decreto presidencial (BRASIL, 2014). O PSE é a interação dessas equipes de saúde da atenção básica com as equipes de educação, no planejamento, execução e monitoramento de ações de prevenção, promoção e avaliação das condições de saúde dos jovens (BRASIL, 2014).

A proposta do PSE é a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e jovens do ensino público, ela busca integrar as práticas das escolas e das unidades básicas de saúde, dando ênfase na atenção primária em saúde, como também propõe que a escola é um espaço comunitário coletivo, distribuidora de informações e saberes que contribuirão para comunidades mais saudáveis (SILVA; BODSTEIN, 2016). O PSE prevê articulação em conjunto com o Sistema Único de Saúde (SUS) com ações das redes de educação básica pública, para aumentar o alcance e melhora condições de saúde de jovens e suas famílias (SILVA; BODSTEIN, 2016).

O interesse pelo tema surgiu mediante a minha participação no Laboratório de Pesquisas da História do Conhecimento da Enfermagem e Saúde (GEHCES) em um projeto de pesquisa chamado “A História da Enfermagem e sua Articulação com o Cuidado, o Ensino, e a Pesquisa – Uma análise a partir da história da Aids em três países (1986-2013)” e

também após a realização de trabalho de conclusão de curso de uma aluna do curso de graduação em enfermagem¹, sob a orientação da professora doutora Maria Itayra Padilha.

Este estudo baseia-se na percepção de que quanto mais precocemente, o conhecimento acerca destas questões é adquirido, mais aumentam as chances do jovem não contrair uma IST. A realização de atividades educativas nas escolas permite que os adolescentes esclareçam suas dúvidas sobre as ISTs, auxiliando-os na prevenção, diante desta perspectiva, a educação sexual torna-se essencial favorecendo a promoção da relação sexual protegida entre os jovens e adolescentes (GENZ et al., 2017).

Importante lembrar que somente a informação não é suficiente para promover o uso de métodos preventivos, mas pode promover a reflexão dos adolescentes quanto a essas questões podendo assim produzir mudanças de comportamento, sempre respeitando a individualidade de cada um, principalmente em sua capacidade de receber e processar informações para utilizá-las corretamente (GENZ et al., 2017).

A abordagem deste tema nas escolas de nível médio, nem sempre segue uma estrutura curricular própria e organizada em torno das ISTs ou mesmo da sexualidade de um modo geral. Muitas vezes estas questões são abordadas em disciplinas como Biologia ou Ciências, ou então em Educação para a Saúde, e dependem muito do professor responsável pela disciplina, e não como uma necessidade, uma obrigatoriedade.

Justifica-se o recorte inicial de 2007 do estudo pela inserção do Programa Saúde na Escola (PSE), que integra a política do Ministério da Saúde e da Educação (BRASIL, 2014) e, o ano de 2018 considerando a atualidade e a alteração da nomenclatura de doenças para Infecções Sexualmente Transmissíveis sob o Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016 (BRASIL, 2016).

A partir destas inquietações surgiram alguns questionamentos tais como: O que está sendo dado em sala de aula para jovens do Ensino médio sobre as IST? Quais IST que os jovens têm contato na sala de aula como tema teórico? Como os professores desenvolvem os conteúdos sobre IST? Surgem muitas dúvidas? As aulas são levadas na brincadeira? Como é o comportamento dos alunos durante as aulas de IST?

¹ DAL VESCO, Stéfany Nayara Petry. Conhecimentos e Atitudes de Estudantes de Enfermagem diante das Infecções Sexualmente Transmissíveis. 2017. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Orientadora: Profª. Dra. Maria Itayra Padilha.

Qual o papel da família na educação acerca da sexualidade do jovem e na prevenção das ISTs? Como é a ligação entre unidade básica e a escola sobre o tema IST?

Destes questionamentos chegamos a seguinte questão de investigação: De que maneira são abordadas as Infecções Sexualmente Transmissíveis nas escolas de ensino médio brasileiro na perspectiva da Enfermagem (2007 – 2018)?

2. OBJETIVO

Descrever as contribuições da enfermagem nos processos de educação para a saúde acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis nas escolas de ensino médio brasileiro, no período de 2007 a 2018.

3. MÉTODO

O caminho percorrido para o desenvolvimento deste estudo é de acordo com a pesquisa qualitativa. Apresenta-se o planejamento dos passos para investigar acerca do ensino das Infecções Sexualmente Transmissíveis na perspectiva da enfermagem a partir de uma revisão da literatura.

3. 1 TIPO DE ESTUDO

Pesquisa qualitativa do tipo Revisão integrativa da Literatura fundamentada em Mendes, Silveira e Galvão (2008). A revisão integrativa da literatura é um dos métodos de pesquisa que são utilizados na prática baseada em evidência (PBE), ela possibilita a inserção das evidências na prática clínica. Esse método tem como finalidade reunir e sintetizar resultados de pesquisas, de uma maneira mais organizada e regularizada, facilitando o aprofundamento do conhecimento do tema específico que está sendo investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Desta maneira permite a condensação de múltiplos estudos publicados e facilita resultados gerais a respeito do tema de estudo.

A revisão integrativa tem o potencial de construir conhecimento em enfermagem, produzindo, um saber fundamentado e uniforme para os enfermeiros realizarem uma prática clínica de qualidade.

Para iniciar a elaboração da revisão integrativa, no primeiro momento o revisor determina o objetivo específico, formula os questionamentos a serem respondidos ou hipóteses a serem testadas, então realiza a busca para identificar e coletar o máximo de pesquisas primárias relevantes dentro dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos, tendo como propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, p. 760, 2008)

De acordo com essas autoras, para a organização da revisão integrativa são seguidas seis etapas: (1) inicia-se com a definição de um problema e a formulação de uma hipótese ou

questão de pesquisa, que apresente relevância para a saúde e a enfermagem. O tema deve ser definido de maneira clara e específica, facilitando a decisão dos descritores ou palavras-chave para realizar a busca dos estudos. (2) realiza-se a busca nas bases de dados para identificação dos estudos a serem incluídos na revisão. Estabelece-se critérios de inclusão e exclusão de artigos, que devem ser analisados de maneira crítica e transparente, aumentando a qualidade e confiabilidade da revisão. (3) acontece a definição das informações que deverão ser extraídas dos estudos selecionados. (4) A quarta etapa se dá pela análise do conteúdo, deve ser feita de forma crítica, procurando explicações para os resultados divergentes nos diferentes estudos (5) Fase de discussão dos principais resultados na pesquisa convencional. (6) consiste na elaboração do documento, que deve trazer a descrição das etapas percorridas.

Com o intuito de fortalecer o estudo foi utilizada a ferramenta PRISMA, que consiste em um *checklist*, com 27 itens (Anexo A) que tem a finalidade de auxiliar os autores na qualificação do relato de revisões. A criação desta ferramenta tem o foco nos ensaios randomizados, mas o PRISMA também pode ser usado como uma base para revisões de outros tipos de pesquisa, e ser útil para a avaliação crítica de revisões publicadas (MOHER et al., 2015).

3.2 COLETA DOS DADOS

A busca documental foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no mês de setembro de 2018, utilizando-se artigos do portal de periódicos CAPES/UFSC. Os descritores em Ciências da Saúde (DeCS, 2017) utilizados foram Enfermagem, Educação em saúde e Doença Sexualmente Transmissível, e, posteriormente, realizado o cruzamento dos descritores utilizando a lógica do recurso booleano “AND”. Para esta etapa foi realizada a busca de artigos publicados nas fontes de dados: MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BDENF (Base de dados de enfermagem), Coleciona SUS, IBECS (*Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud*), CUMED (Centro Nacional de Informação de Ciências Médicas de Cuba), Index Psicologia (Periódicos técnico-científicos), LIS (Localizador de Informação em Saúde), Recurso Multimídia, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, CVSP-Brasil (Campus Virtual de Saúde Pública). Após estas etapas, aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão, para que o *corpus* do presente estudo fosse evidenciado.

3.2.1 Critérios de Inclusão das fontes:

- Artigos na língua portuguesa, disponíveis na íntegra na Biblioteca Virtual em Saúde, artigos disponíveis gratuitamente.
- Literatura a partir do ano 2007.

3.2.2 Critérios de exclusão das fontes:

- Artigos em duplicidade nas bases de dados;
- Trabalhos que apresentem fuga da temática.

Os dados foram exportados para o *Microsoft Office Excel*. Os materiais encontrados foram separados conforme sua natureza (artigos) e o tipo de estudo, a partir disso, realizada uma leitura flutuante de todos os títulos, resumos encontrados pela pesquisadora. As informações extraídas dos artigos foram: Nome dos autores, referência, ano de publicação, estratégias de ensino das ISTs, nível de evidência conforme a *Oxford centre evidence-based medicine*, (2009) para fortalecer os dados do estudo. Para a apresentação dos artigos utilizou-se a ordem decrescente do ano de publicação.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Utilizou-se a análise de conteúdo temática segundo Bardin (2016) para a análise dos dados emergentes do estudo. Durante a análise, seguiram-se as etapas: pré-análise, na qual os dados foram primeiramente lidos e elaboradas as primeiras impressões acerca dos estudos e dos resultados encontrados; a segunda fase, exploração, consistiu na codificação do conteúdo emergente dos documentos anteriormente lidos; A fase de tratamento dos dados consistiu na interpretação dos códigos definidos, conforme presença temática. A organização final dos resultados compõe a grelha de análise, com as unidades de registro e, posteriormente, estruturação das categorias em aproximação temática.

4. RESULTADOS

Os resultados do estudo são apresentados no formato de manuscrito conforme a resolução normativa da Universidade Federal de Santa Catarina do ano de 2015, Art. 4.

4.1 MANUSCRITO: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM.

RESUMO:

Objetivo: Descrever as contribuições da enfermagem nos processos de educação para a saúde acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis nas escolas de ensino médio brasileiro, no período de 2007 a 2018.

Método: Revisão integrativa da literatura, realizada em setembro de 2018, na biblioteca virtual em saúde: MEDLINE, LILACS BDENF, Coleção SUS, IBICS, CUMED, Index Psicologia, LIS, Recurso Multimídia, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, CVSP-Brasil. Aplicados os critérios de inclusão, artigos disponíveis na íntegra, no período de 2007 a 2018, e que respondessem à questão de pesquisa.

Resultados: Compuseram nove estudos para análise do estudo e desses emergiram duas categorias: Abordagem da Enfermagem no ensino médio das Infecções Sexualmente Transmissíveis; Relação adolescente, educador, enfermeiro e família no Ensino Médio: contextos para a educação em saúde.

Conclusão: Conclui-se que, a educação para a saúde, das Infecções Sexualmente Transmissíveis na perspectiva da enfermagem apresenta-se, ainda, frágil no âmbito da educação escolar.

Relevância para a Enfermagem: Evidencia a necessária ampliação dos espaços de ação da enfermagem e a integração saúde, escola e família para a educação em saúde e as Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Descritores: Enfermagem; Doenças Sexualmente Transmissíveis, Educação em Saúde; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e, principalmente, o *Human Immunodeficiency Virus* (HIV) são um fenômeno global, sendo um dos mais importantes problemas de saúde pública na atualidade. Estima-se, que no Brasil, há um aumento na prevalência das infecções pelo HIV na população jovem de 0.9% desde 2002 (COSTA et al., 2013). Os adolescentes e jovens iniciam sua atividade sexual concomitantemente com a construção da sua identidade, por meio da integração de sentimentos e desejos, estas

mudanças nem sempre acompanham uma educação sexual adequada (MIRANDA et al., 2018).

A não adesão à prevenção das ISTs, geralmente é associada com a necessidade de afirmação grupal, onde os adolescentes se envolvem em comportamentos de experimentação arriscada, e isso os torna mais suscetível às IST, estes agravos, aumentam a probabilidade de infecção pelo HIV aproximadamente dez vezes (COSTA et al., 2013). Portanto, o início precoce da prática sexual do adolescente de acordo com Silva et al (2015) pode se considerar uma vulnerabilidade às IST/HIV. Assim, os cuidados de enfermagem são fundamentais para a promoção da saúde sexual e prevenção de IST/HIV, sendo essencial que o enfermeiro reconheça a complexidade do processo de adolecer. Esses autores referem que o adolescente precisa ser compreendido em sua complexidade, significa vê-lo em sua integralidade. Isto implica em reconhecê-lo para além da complexidade fisiológica, morfológica e psicológica, mas principalmente, pelos aspectos culturais e sociais.

A educação sexual e a promoção da saúde devem iniciar antes da vida sexual. Isto reporta para a necessidade de Educação e Saúde desenvolverem ações conjuntas, o que é respondido pelas políticas públicas de educação e saúde. Assim, o profissional de saúde apresenta papel fundamental na educação da sexualidade, vida reprodutiva e no aconselhamento contraceptivo. Inerente a este processo, conforme Miranda et al (2018), a participação dos pais tem mostrado a importância do diálogo acerca sexualidade na relação familiar.

No ano de 2007 foi lançado no Brasil o Programa Saúde na Escola (PSE) para ser uma estratégia de articulação permanente entre as políticas de educação e de saúde, tendo como propósito, ampliar as ações de saúde dirigidas aos alunos da rede pública de ensino, auxiliando na formação dos adolescentes, e desenvolvendo ações de prevenção, promoção e assistência à saúde (SOUSA; ESPERIDIÃO; MEDINA, 2017). O PSE é o principal programa do Brasil direcionado para à saúde dos estudantes das escolas públicas, pensando que 85% dos estudantes brasileiros da educação básica no ano de 2015 se encontravam matriculados em instituições públicas, de acordo com Silva e Bodstein (2016) é evidenciado a notável importância deste programa.

Os componentes definidos na implementação do PSE são: Avaliação das condições de saúde; promoção da saúde e prevenção; educação permanente e capacitação dos profissionais e jovens; monitoramento e avaliação da saúde dos estudantes (SILVA; BODSTEIN, 2016). A

realização de pesquisas sobre o PSE ainda é escassa, com poucos trabalhos publicados, mas é perceptível sua importância e alcance potencial. (SOUSA; ESPERIDIÃO; MEDINA, 2017).

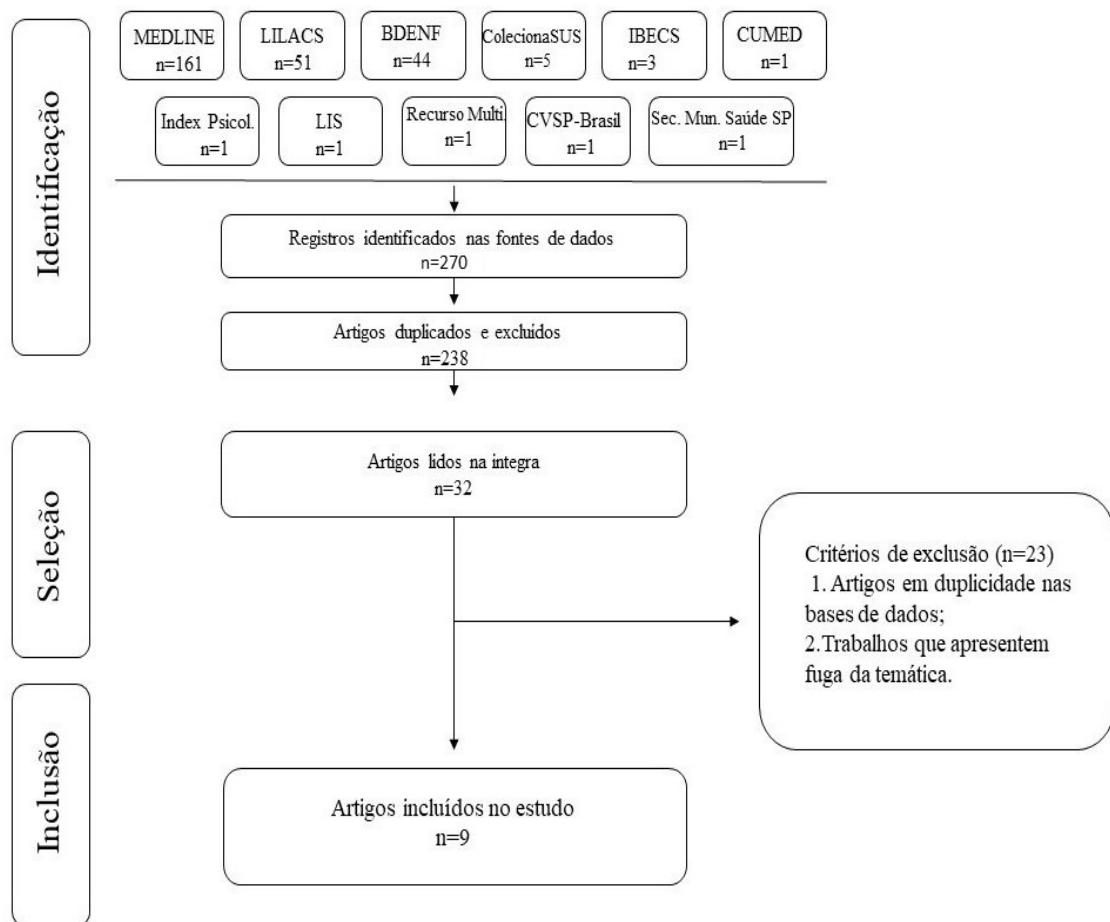
Diante do exposto questiona-se de que maneira são abordadas as Infecções Sexualmente Transmissíveis no ensino médio brasileiro na perspectiva da enfermagem? Objetivou-se desse modo, descrever o papel da enfermagem nos processos de educação para a saúde acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis nas escolas de ensino médio brasileiro, no período de 2007 a 2018.

MÉTODO

Revisão Integrativa conforme as etapas de Mendes, Silveira e Galvão (2008), organizada em seis etapas: definição de um problema e a formulação da questão de pesquisa; busca nas bases de dados para identificação dos estudos que serão incluídos na revisão; estabelecer a inclusão e exclusão de artigo; extração das informações dos estudos selecionados; análise do conteúdo; discussão dos resultados.

Realizada a busca de artigos publicados nas fontes de dados: MEDLINE (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BDENF (Base de dados de enfermagem), Coleciona SUS, IBECs (*Índice Bibliográfico Español en Ciencias de la Salud*), CUMED (Centro Nacional de Informação de Ciências Médicas de Cuba), Index Psicologia (Periódicos técnico-científicos), LIS (Localizador de Informação em Saúde), Recurso Multimídia, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, CVSP-Brasil (Campus Virtual de Saúde Pública) . Os termos de busca utilizados nas fontes de dados foram: *Enfermagem, Educação em Saúde e Doença Sexualmente Transmissível*. Após esta etapa, aplicou-se os critérios de inclusão e exclusão para composição do *corpus* do presente estudo.

Figura 1 – Fluxograma da coleta de dados e seleção dos estudos que compõem a amostra, Florianópolis, 2018.



Fonte: Autora, 2018.

Inicialmente realizada a busca literária nas bases de dados e encontrados 270 trabalhos e transferidos para o programa *Microsoft Office Excel* e respeitados os critérios de inclusão e exclusão. Desses foram removidos duplicados, os não disponíveis na íntegra, os em inglês e espanhol resultaram em 32 artigos. Subsequentemente, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos 32 artigos, e excluídos 23 por não atenderem os critérios de inclusão e exclusão, resultando em 11 artigos. Posteriormente, foram lidos os 11 artigos na íntegra e excluídos 2 por não atenderem ao escopo da pesquisa, resultando 09 artigos.

Os artigos incluídos neste estudo são originais, disponíveis na forma *on-line* completa e contemplam a temática do estudo, e os artigos excluídos, foram aqueles publicados em outros meios de comunicação que não sejam periódicos científicos; estudos que se encontram repetidos nas bases de dados, *guidelines*, cartas, resenhas, foro, editoriais, ensaios, notas prévias, colaboração especial, comentários, anuários, livros, capítulos de livros, publicações governamentais, boletins informativos, íntegra de teses, dissertações, monografias e trabalhos

de conclusão de curso (excetuando aqueles cujos resultados estão publicados em periódicos), manuais, revisões, artigos que não estão disponibilizados no formato completo para análise e estudos que não respondam ao escopo da pesquisa. Os dados foram coletados e organizados em setembro de dois mil e dezoito, seguindo a leitura dos títulos, dos resumos e, por fim, a leitura dos artigos na íntegra.

Para a análise dos artigos foi utilizada a análise temática de Bardin (2016) respeitando as etapas pré-análise, exploração e a fase de tratamento dos dados, organizando os resultados obtidos em grelhas de análise para a estruturação das categorias. A busca resultou em nove estudos que foram analisados na íntegra e responderam a questão norteadora do estudo.

Justifica-se o recorte inicial de 2007 do estudo pela inserção do PSE, que integra a política do Ministério da Saúde e da Educação (BRASIL, 2014) e, o ano de 2018 considerando a atualidade e a alteração da nomenclatura de doenças para Infecções Sexualmente Transmissíveis sob o Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016 (BRASIL, 2016).

RESULTADOS

Foram analisados nove estudos (n=9), todos realizados no Brasil. Quanto ao ano de publicação, um (n=1) foi publicado em 2008, um (n=1) em 2009, um (n=1) em 2010, um (n=1) em 2012, dois (n=2) em 2013, um (n=1) em 2015, um (n=1) em 2016, e um (n=1) em 2017. A avaliação dos estudos quanto ao nível de evidência seguiu a *Oxford Centre Evidence-Based Medicine*, 2009. Esses níveis são utilizados para classificar os trabalhos científicos em: Nível um, obtido por meio de meta-análise de estudos clínicos controlados e com randomização; Nível dois, obtidos por estudo com desenho quase experimental; Nível três, delineamento de pesquisas quase experimentais; Nível quatro: que emergem de estudos descritivos ou com abordagem metodológica qualitativa e que surgem de relatórios de casos ou relato de experiências; Nível cinco, evidência baseada em opiniões de especialistas ou documentos legais. Esses parâmetros são mais uma ferramenta para a análise crítica dos trabalhos, representando um critério de qualidade. Conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos incorporados à revisão integrativa, Florianópolis, 2018.

Autores	Título	Ano de Publicação	Nível de Evidência
CORTEZ, Elaine Antunes; SILVA, Lauanna Malafaia.	Research-action: promoting health education with adolescents on sexually transmissible infections.	2017	NE4
ANGELIM, Rebeca Coelho de Moura, CABRAL, Luciana da Rocha, QUEIROZ Síngara Borba de Araújo, FREITAS Rafaela Marrise do Monte, ABRÃO Fátima Maria da Silva.	Educational activities about risky sexual practices for students: experience report.	2016	NE5
SPINDOLA, Thelma; PIMENTEL Maria Regina Reicherte Araujo; BARROS, Agatha Soares de; FRANCO, Vanessa Queli; FERREIRA, Luiz Eduardo da Motta.	Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jovem: pesquisa bibliométrica.	2015	NE4
VALLI, Gabriela Petró; COGO, Ana Luísa Petersen.	Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental.	2013	NE4
FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira; PINHEIRO, Patrícia Neyva Costa da.	Website for STD/HIV/AIDS Prevention for Catholic Teenagers: a Validation Study.	2013	NE4
LUNA, Izaildo Tavares, SILVA, Kelanne Lima; DIAS, Fernanda Lima Aragão; FREITAS, Marta Maria Costa; VIEIRA Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa.	Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às DST/AIDS.	2012	NE4
BARBOSA, Stella Maia; DIAS, Fernanda Lima Aragão; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra; PINHEIRO Patrícia Neyva da Costa; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha.	Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS	2010	NE4
GUBERT, Fabiane do Amaral; SANTOS Ana Carolina Lobo dos, ARAGÃO Katiana Araújo, PEREIRA Dayse Christina Rodrigues, VIEIRA Neiva Francenely Cunha, PINHEIRO, Patricia Neyva da Costa.	Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE.	2009	NE4
BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira.	Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmete transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes.	2008	NE4

FONTE: Autora, 2018.

Os artigos selecionados foram lidos integralmente e após leitura exploratória e analítica organizou-se os códigos em grelhas de análise por similaridade.

Quadro 2: Resultados da Análise de conteúdo por presença temática, Florianópolis, 2018.

GRELHA DE ANÁLISE	
UNIDADES DE REGISTRO	
Abordagens tradicionais, tecnológicas, <i>blogs</i> , <i>websites</i> , jogos educativos, dinâmicas, rodas de conversa	Profissionais da saúde, enfermeiros, educadores
Promovem a Autonomia e Independência	Fragilidade na relação educadores, família, pais e enfermeiros
Temas que requerem esclarecimentos DST/IST, aids, orientação sexual, gênero.	Preferência dos adolescentes por profissionais enfermeiros/saúde e educadores para diálogo sobre IST
Enfermeiros na educação e promoção da saúde	Autocuidado, esclarecimento de dúvidas, orientações
CATEGORIAS	
Categoria 1 Abordagem da Enfermagem no ensino médio das Infecções Sexualmente Transmissíveis.	Categoria 2 Relação adolescente, educador, enfermeiro e família no Ensino médio: contextos para a educação em saúde

Fonte: Autora, 2018.

Deste processo emergiram duas categorias, que são discutidas abaixo.

DISCUSSÃO

ABORDAGEM DA ENFERMAGEM NO ENSINO MÉDIO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

A partir do aumento da perspectiva de vida e das discussões e liberdade de gênero a sociedade apresenta novo delineamento na perspectiva social, das relações. Responde as construções e desconstruções sócio-históricas em cada época. Isto reflete nos grupos sociais e influencia nas individualidades. O baixo nível econômico, o acesso e a permanência nos ambientes escolares são fatores que estão associadas à precocidade das relações sexuais e prevenção equivocada das Infecções Sexualmente Transmissíveis. A atividade sexual entre adolescentes aumentou no mundo em 25% em torno dos 15 anos (LA ROSA 2014). Isto instiga o estudo da prevalência dessas atividades nessa etapa da vida.

A incidência das IST/Aids tem aumentado na população em geral, sendo que entre adolescentes o número de contaminados está cada vez maior (GUBERT, 2009). O aumento das ISTs na população jovem é um problema de saúde pública que requer atenção e por muitas vezes a intervenção dos profissionais de saúde. As ações de educação para a saúde e conscientização da população jovem acerca das IST, e meios para a sua prevenção, devem ser estimuladas pela articulação entre familiares, educadores e profissionais de saúde (SPINDOLA et al, 2015).

A enfermagem tem como objetivo ajudar as pessoas na aquisição e recuperação de habilidades, para cuidar de si e do outro, com isso a educação em saúde, no contexto da enfermagem, vem sendo uma realidade incontestável, pois a promoção da saúde é um dos seus ideais, compreendendo que o ensino ao discente ajuda a desenvolver o seu autocuidado diminuindo riscos de doenças (CORTEZ, SILVA et al, 2017).

Tratando-se do profissional de saúde uma ferramenta como a escuta ativa promove o vínculo favorece a diferenciação dos demais em relação a atenção em saúde dos jovens. Esta escuta ofertada pelos profissionais de saúde aproxima os jovens, ao estabelecerem relações de convivência, ouvindo então suas opiniões e entendendo os seus interesses reais de aprendizado (COSTA et al, 2015). Esses autores referem ainda que para melhorar a efetividade das ações de educação em saúde, os profissionais de saúde precisam reconhecer os jovens conforme autonomia, sua capacidade de assimilação e seu conhecimento prévio, através do diálogo, respeito e compartilhamento os saberes, utilizando os elementos propostos pelos adolescentes.

Em relação aos resultados encontrados no estudo, chegou-se à conclusão de que, com os adolescentes, uma das melhores maneiras de realizar educação em saúde é na escola e, com a participação de profissionais da saúde. Esta pesquisa traz à tona a lacuna existente na

literatura, no que tange a relação entre as ações da enfermagem pelo profissional enfermeiro e, a educação para a saúde no ensino médio. Corrobora, desta forma aos níveis de evidência demonstrados nos estudos elencados. Os níveis de evidência classificam a consistência científica e argumentativa das produções. Determinam, no universo estudado a fragilidade de produções na área.

E ainda assim, as estratégias utilizadas convergem a metodologias ativas, que correspondem e atendem ao ensino-aprendizagem numa modalidade qualitativa. Observado nos artigos emergentes do estudo, por meio de recursos para o desenvolvimento da educação em saúde. Os quais de acordo com, segundo Valli, Cogo, (2013) e Ferreira, Pinheiro (2013) utilizando tecnologias, *blogs*, *websites*, já conforme Barbosa et al, (2010) jogos educativos, e para Cortez, Silva et al, (2017) as dinâmicas, rodas de conversa, palestras acerca do assunto realizada por profissionais da saúde, educação permanente com os servidores, para dinamizar o diálogo sobre IST e grupo de apoio ao familiar para dialogar sobre IST.

Uma abordagem relevante para o universo dos adolescentes nos dias de hoje é a *internet*, conforme o estudo de Valli, Cogo, (2013) os *blogs* tornam-se uma importante ferramenta de troca de informações, agilizando a busca por informações, já que facilita a comunicação entre eles, promovendo um espaço de ajuda mutua e interseção social em assuntos que possam ter alguma restrição social.

Uma abordagem que já é utilizada em escolas de ensino fundamental e médio do Brasil e de Portugal é a criação destes *blogs* para divulgar projetos feitos em sala de aula sobre sexualidade, devido ao número crescente de casos de ISTs, gravidez na adolescência e o precoce início da vida sexual. Essa ferramenta facilita a construção da identidade dos jovens, já que as relações estabelecidas na *internet*, muitas vezes refletem no comportamento no mundo real (VALLI, COGO, 2013).

Estudos constataam, que a estratégia dos *blogs* se mostra eficaz, mas são sinalizados a importância de haver a participação de profissionais da área da saúde em ações de educação em saúde dos adolescentes, pois elas qualificam as informações disseminadas nas redes sociais. Também traz que a elaboração de *blogs* é uma estratégia viável, de fácil execução e com possibilidade de interação que contribui para a discussão de temas do seu interesse, especialmente na área da saúde (VALLI, COGO, 2013).

Já outros estudos mostram a relevância do trabalho com grupos, pois estes favorecem a interação entre os adolescentes, facilitando também a troca de saberes. Os grupos são

capazes de promover a conscientização sobre os riscos às IST/Aids e, conseqüentemente, favorecem as mudanças de comportamento a partir das necessidades específicas de cada adolescente (CORTEZ, SILVA et al, 2017). Os artigos estudados constataam que a abordagem da enfermagem sobre as ISTs, se dá na escola a partir da aplicabilidade de metodologias ativas, que motivem à discussão, prendam a atenção dos estudantes e, com isto fortaleçam a adesão à prevenção.

O enfermeiro, de acordo com Luna et al, (2012) ao desenvolver as atividades educativas em grupo, deve facilitar a tomada de consciência específicas para cada envolvido dos grupos educativos para promover e conscientizar a mudança de comportamento das práticas sexuais, facilitando a construção de atitude crítica e reflexiva permitindo a iniciação de medidas preventivas das ISTs/Aids.

Para facilitar a prevenção das ISTs/Aids é mencionado, que as estratégias que a serem priorizadas são: a troca de experiência, o compartilhamento de conhecimentos entre os seus integrantes e a discussão de temas que interessam ao público presente. Trazendo sempre a questão socioeconômica e cultural a qual os adolescentes estão inseridos e suas necessidades específicas para facilitar a compreensão e assim iniciar o processo de prevenção. (LUNA et al, 2012)

Ações educativas dizem respeito ao universo da educação e no contexto das ISTs, também ao da saúde. O conhecimento de estratégias diferenciadas ao ensino e orientações quanto às ISTs, mostra-se, nos artigos analisados, que a integração de conhecimentos entre educadores e profissionais da saúde e o enfermeiro, foca nas relações sexuais, reprodução, orientação sexual, mudança de comportamento e adesão ao uso de preservativo. (BESERRA, PINHEIRO e BARROSO; 2008) Diante do que, o enfermeiro como educador em saúde exerce papel fundamental na construção do processo ensino e aprendizagem quanto a sua prática de educação, eles se fortalecem com um trabalho coletivo, com o intuito de capacitar o sujeito ao seu protagonismo.

A inserção do profissional enfermeiro no âmbito da educação em saúde para jovens e adolescentes traz à prática educativa e abrangência da temática das ISTs. Permite discussões amplas, abertas e respeitando as realidades, bem como traz a termo a saúde na escola, o exercício das políticas públicas de educação e de saúde. Respeitando, desta forma, princípios do Sistema Único de Saúde brasileiro.

RELAÇÃO ADOLESCENTE, EDUCADOR, ENFERMEIRO E FAMÍLIA NO ENSINO MÉDIO: CONTEXTOS PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Os adolescentes reconhecem que a participação da escola é importante, enfatizando que as palestras são fundamentais para as orientações e como a família, podem contribuir significativamente para a discussão do assunto (ALMEIDA et al, 2017). Outros estudos ainda apontam outras fontes de informação sobre o tema, como, a escola, a televisão, os folhetos, jornais e revistas. Mas, é preciso destacar, que as informações sobre formas de transmissão e prevenção das IST/Aids, não são suficientes para a adoção de comportamentos seguros. Sendo fundamental ter espaços de discussão, a troca de experiências e a reflexão para mudar o comportamento dos jovens (CARLETO et al., 2011).

Com o grande interesse dos jovens em obter informações para os seus questionamentos a respeito de aspectos de sua sexualidade, precisa ser desenvolvida a informação qualificada acerca desse tema, pois é um direito do adolescente, que requer o provimento educativo no âmbito da escola e dos serviços de saúde (SEHNEM et al., 2018).

A família assume um papel importante na vida sexual dos adolescentes, para que seja saudável, no entanto, a família precisa estar preparada para orientá-los quanto aos seus anseios e suas dúvidas (CARLETO et al., 2011). Ter os pais como fonte de informação sobre sexualidade, prevenção às IST/Aids, contracepção e sentir-se à vontade para conversar sobre a vida sexual demonstra segundo Almeida et al, (2007) ser uma associação positiva com o uso preservativos.

Mesmo assim com relação à família, o diálogo sobre sexualidade ainda é um tabu, os jovens muitas vezes se referem a não conseguirem conversar com os pais ou os avós sobre essa temática (SEHNEM et al., 2018). A abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e filhos ainda é insuficiente, e não supre as dúvidas dos jovens. As maiores dificuldades de acordo com Nery (2015) foram saber quando começar o diálogo, o que abordar, e se a informação repassada estava correta.

Os pais ou os avós, esses últimos, comum serem responsáveis pela criação dos netos, sentem-se intimidados para abordar a questão da sexualidade com seus filhos e netos. Retratado pela educação sexual recebida ou repressiva, além disso é demonstrado que fatores culturais, religiosos e socioeconômicos influenciam fortemente nesse diálogo. A família é, geralmente, referência, espaço seguro, cabe a ela discutir, orientar e sanar, se possível, as

principais dúvidas, buscando identificar e focar nos tabus e medos presentes nessa fase. (NERY, 2015).

Conforme Nery (2015), pais que tentaram abordar o tema revelaram a dificuldade de reproduzir o conteúdo referente à temática para os jovens. A maioria revelou não saber como agir diante das demonstrações de sexualidade pelos filhos, mas, ainda assim, elegeu o diálogo como a melhor solução. Segundo Sehnem et al, (2018), a dificuldade de tratar da sexualidade dos adolescentes na família acaba transferindo o papel educativo a terceiros e reproduz formas disciplinares de controle, podendo perpetuar, assim, um ciclo por muitas gerações. Quando a família não consegue cumprir esse papel, geralmente, é transferido à escola.

O Programa Saúde na Escola (PSE), é considerado no Brasil importante para a realização de ações de promoção da saúde, pois como a portaria que o instituiu ele é tido como uma política pública saudável. A integralidade do cuidado é um dos resultados esperados, do programa, suas propostas são ações onde o diálogo, a troca de saberes, de experiências, o trabalho conjunto e a articulação entre outras estruturas sociais são estratégias importantes para se obter resultados positivos na promoção da saúde do escolar. Em acordo com Souza, Esperidião, Medina (2017) o desenvolvimento de ações ligadas aos sujeitos envolvidos, tem chances maiores de obter resultados positivos e duradouros.

A escola já vem com um discurso de proteção sexual embutido, sendo assim, dependendo da maneira que o assunto será abordado com os adolescentes em acordo com Sehnem et al, (2018), pode tornar-se um elemento complicador na busca pela compreensão e exploração da sua sexualidade. Importante frisar que, a escola é um espaço de socialização, de influências múltiplas na formação cidadã deste adolescente. Na pessoa do professor se constitui a primeira opção, entre os adolescentes, como fontes de informação sobre IST, ratificando a sua importância na função natural de educador sexual no ambiente escolar (ALMEIDA et al, 2017). No entanto, declaram que os amigos se tornam fortes referências de conhecimento para os adolescentes e, cada vez mais, ajudam na construção das condutas. Conforme Sehnem et al, (2018), traz que os amigos foram apontados pelos adolescentes como o grupo em que se sentem mais à vontade para conversarem e esclarecerem dúvidas a respeito da sexualidade.

Estudo realizado por Almeida et al, (2017) mostrou que mais de 85% das adolescentes possuía alguma informação sobre como evitar filhos e IST. Cerca de 55% afirmou que têm

alguém com quem conversar sobre o assunto, e na escala de preferências ficaram as amigas com 36,3%, seguida da mãe com 25,5% e parceiro com 16,6%.

O educador, tanto o professor, quanto o profissional da saúde, precisa estar sensível e preparado para propiciar debates, lidar com valores, tabus e preconceitos, mas continua com recursos internos insuficientes para tratar dessas questões e acaba dando a elas uma abordagem biológica (SEHNEM et al., 2018).

Ao enfermeiro cabe conforme Nery (2015), o desenvolvimento de práticas educativas participativas, que possam englobar a família, suas especificidades, considerando o contexto histórico, político, econômico e sociocultural, e, assim, propiciar a troca de informações e experiências, valorizando sempre as vivências dos adolescentes. Com isso a formação do enfermeiro deve fornecer subsídios para a atividades nas escolas, com temas como saúde sexual e reprodutiva e sexualidade para adolescentes. Consolidando esta prática, o enfermeiro pode ser uma importante peça na capacitação dos profissionais da escola, na orientação aos pais para o diálogo com os adolescentes. Para a superação da perspectiva do controle e para o avanço nas discussões e práticas que cercam a sexualidade de adolescentes, é preciso que a escola se aproprie da temática, promovendo conhecimento e reflexão. Somente assim, será possível apresentar novas possibilidades para os adolescentes e para além dos aspectos repressores que possam surgir da família, da religião e da sociedade, oferecendo-lhes elementos para desenvolver seus próprios posicionamentos e ações (SEHNEM et al., 2018).

Neste sentido, a escola é espaço de convergência das relações educativas de jovens e adolescentes e precisa ser compartilhada entre pais, professores e profissionais da saúde. Há uma corresponsabilidade no preparo e orientação para uma sexualidade emancipatória, responsável, saudável. Isto reflete, a busca de uma educação para a saúde no tocante as ISTs, sexualidade e da reprodução com vistas a superação de comportamentos estereotipados e preconceituosos (VALI E COGO, 2013); (ANGELIM et al., 2016). Deve-se então instituir na prática diária dos enfermeiros da atenção básica e hospitalar, atividades de educação, integração serviços de saúde e escola, elencando e consolidando o programa saúde na escola.

CONCLUSÃO

As práticas de educação e de saúde estão intimamente ligadas. Os processos educativos abordados no estudo apresentam influencia na formação pessoal da infância a fase

adulta. No período da adolescência acrescenta-se uma grande quantidade de transformações físicas, emocionais, psicológicas e sociais, que necessitam abordagens no processo de evolução desta pessoa. Fundamentalmente, as relações sociais, familiares e das pessoas que participam da educação desse adolescente requerem compartilhamento, corresponsabilidade no cuidado à educação para a vida.

Conclui-se que, a educação para a saúde, no tocante as Infecções Sexualmente Transmissíveis e HIV/aids na perspectiva da enfermagem apresenta-se, ainda, frágil no âmbito da educação escolar. Os estudos trazidos em análise mostram um movimento proativo a esta prática. A relação família, educadores e enfermeiros evidencia a lacuna do trabalho educativo de base, sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis aos jovens brasileiros. Importante ressaltar o limite do quantitativo de estudos levantados, para a descrição deste trabalho, que atenderam os critérios estabelecidos. A adolescência no processo de viver humano é etapa de estabelecimento e fortalecimento de comportamentos, assim momento de aproximação social e formação para a vida. Responsabilidade da família, compromisso de educadores e profissionais da saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, out. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672017000501033&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2018

ANGELIM, Rebeca Coelho de Moura et al. Educational activities about risky sexual practices for students: experience report. **Rev Enferm Ufpi**, Recife, v. 5, n. 1, p.96-100, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3541/pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018

BARBOSA, Stella Maia et al. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 337-41, jul. 2010. ISSN 1518-1944. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/6710/6951>>. Acesso em: 09 out. 2018.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 522-528, set. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2018

BRASIL_____. Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016. **Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Saúde.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8901.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. **PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA. Saúde e educação integral das crianças, adolescentes e jovens.** Brasília: Ministério da Saúde 2014. 33 slides, color. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/0saudemental/Apresentacao_PSE_Tykanori.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

CARLETO, Amanda P et al. Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital de Mato Grosso quanto às DST/Aids. **Dst - J Bras Doenças Sex Transm**, Cuiabá, v. 22, n. 4, p.206-211, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.dst.uff.br/revista22-4-2010/7%20-%20Conhecimentos%20e%20praticas%20de%20adolescentes%20de%20Mato%20Grosso.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CORTEZ, Elaine Antunes; SILVA, Lauanna Malafaia. Research-action: promoting health education with adolescents on sexually transmissible infections. **Journal of Nursing UFPE**, online, [S.l.], v. 11, n. 9, p. 3642-3649, sep. 2017. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234495/27699>>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al. VULNERABILIDADE DE ADOLESCENTES ESCOLARES ÀS DST/HIV, EM IMPERATRIZ – MARANHÃO. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p.179-186, out. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1983-1447&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2018.

COSTA, Ana Cristina Pereira de Jesus et al. Protagonismo de adolescentes na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 28, n. 5, p. 482-487, Ago. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000500482&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira; PINHEIRO, Patrícia Neyva Costa da. Website for STD/HIV/AIDS Prevention for Catholic Teenagers: a Validation Study. *Online Brazilian Journal of Nursing*, [S.l.], v. 12, p. 637-39, out. 2013. ISSN 1676-4285. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4190>>. Acesso em: 01 out. 2018.

GUBERT, Fabiane do Amaral et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Rev. Eletr. Enf**, Fortaleza, v. 11, n. 1, p.165-172, mar. 2009. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a21.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

LAROSA, Roberto Dair García de et al. Infecciones de transmisión sexual: intervención educativa en adolescentes de una escuela de enseñanza técnica profesional. **Medwave**, Santiago do Chile, v. 14, n. 1, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.medwave.cl/link.cgi/Medwave/Estudios/Investigacion/5891>>. Acesso em: 15 out. 2018.

MENDES, Karina dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. REVISÃO INTEGRATIVA: MÉTODO DE PESQUISA PARA A INCORPORAÇÃO DE EVIDÊNCIAS NA SAÚDE E NA ENFERMAGEM. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.758-764, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-07072008000400018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 set. 2018.

MIRANDA, Patrícia Sofia Ferreira et al. Sexual behaviors: study in the youth. **Einstein**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.1-7, 17 set. 2018. FapUNIFESP (SciELO).. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082018ao4265>>. Acesso em: 15 out. 2018.

NERY, Inez Sampaio et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 287-292, Jun 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000300287&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2018.

SEHNEM, Graciela Dutra et al. Sexualidade de adolescentes que vivem com HIV/aids: fontes de informação delimitando aprendizados. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, e20170120, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000100213&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Out. 2018

SILVA, Carlos dos Santos; BODSTEIN, Regina Cele de Andrade. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 6, p.1777-1788, jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015216.08522016>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601777&script=sci_abstract>. Acesso em: 15 set. 2018.

SILVA, Ítalo Rodolfo et al. Complex Thinking supporting care strategies for the prevention of STDS/aids IN adolescence. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s.l.], v. 24, n. 3, p.859-866, set. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072015003000014>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SOUSA, Marta Caires de; ESPERIDIÃO, Monique Azevedo; MEDINA, Maria Guadalupe. A intersetorialidade no Programa Saúde na Escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 22, n. 6, p.1781-1790, jun. 2017. UNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017226.24262016>>. Acesso em: 15 out. 2018.

SPINDOLA, Thelma et al. Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jovem: pesquisa bibliométrica. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 3037-3049, jul 2015. ISSN 2175-5361. Disponível

em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4644>>. Acesso em: 01 out. 2018.

LUNA, Izaildo Tavares et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às DST/AIDS. **Cienc. enferm.**, Concepción, v. 18, n. 1, p. 43-55, abr. 2012. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

VALLI, Gabriela Petró; COGO, Ana Luísa Petersen. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 31-37, Set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, evidenciamos que o objetivo foi alcançado, sendo possível verificar quais abordagens já foram aplicadas pelos enfermeiros contendo suas fortalezas e fragilidades. Assinala, desta forma as contribuições pertinentes das relações e do compromisso entre educadores, família e enfermeiros/ profissionais da saúde no processo ensino-aprendizagem responsável para a experiência da sexualidade de adolescentes.

A literatura estudada mostra, ainda, a lacuna nos estudos da enfermagem e a educação para a saúde no âmbito do ensino médio brasileiro. Há de se considerar, os limites que emergem neste estudo, da resposta na busca literária, sejam pelas palavras chave ou descritores utilizados, seja pela frágil produção na área.

Acredita-se, na possibilidade de adequações nas relações sociais para o alcance de espaços cada vez mais utilizados para reduzir as vulnerabilidades no tocante às infecções sexualmente transmissíveis. Os estudos trazidos em análise mostram um movimento positivo para intensificar esta prática. O Programa saúde na escola fundamenta a necessária relação educação e saúde, para qualificar a formação cidadã de jovens e adolescentes, que agreguem princípios éticos, morais e direcionamentos para uma vida pessoal, social, sexual, cultural saudável.

A participação do enfermeiro no ensino escolar é uma possibilidade importante para a promoção da saúde. As abordagens na perspectiva das metodologias ativas promovem a discussão, a motivação, o fortalecimento de todo um coletivo social. A relação e compartilhamento de ações: escola, serviço de saúde, enfermeiros, pais e educadores emerge como contexto de socialização, de experiências e saberes, para a qualidade de vida na sociedade.

O Programa saúde na escola, que apesar de já ter sido implantado desde o ano de 2007, mostra dificuldades para efetivar suas propostas. Demonstra fragilidades na promoção dessa interação, concluindo assim, que a educação para a saúde acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis e HIV/aids na perspectiva da enfermagem ainda é frágil no âmbito da educação escolar. Indica-se, que para a melhora desta vinculação saúde/educação seja surgir mais trabalhos relacionados ao Programa Saúde na escola, para que todos possam conhecer sua prática e adequá-las as necessidades socioculturais de suas regiões. Instituinto

na prática dos enfermeiros da atenção básica e hospitalar, atividades de educação e integração serviços de saúde e escola.

Resultados elencados neste estudo evidenciam que os adolescentes apresentam déficits de informação e orientação acerca do exercício da sexualidade. As dúvidas encontradas e referenciadas nos estudos levantados trazem ainda, a tenacidade das informações sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis, HIV/Aids e a gestação na adolescência.

As questões da sexualidade, da saúde reprodutiva, orientação sexual, corpo, gênero configuram-se relevantes para a formação de adolescentes. O conhecimento de como os jovens lidam com estas dúvidas integra a relevância para a saúde integral, assim como para a promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, Feb. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002009000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07 nov. 2017.

ALMEIDA, Edmar Rocha; MOUTINHO, Cinara Botelho; LEITE, Maisa Tavares de Souza. Prática pedagógica de enfermeiros de Saúde da Família no desenvolvimento da Educação em Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 389-402, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000200389&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun 2018.

ALVES, Maria Bernardete Martins et al. **REVISÃO DE LITERATURA**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. 67 slides, color. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/ModuloAvancadoPesquisaIntegrativa2011oficial.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2018.

ANGELIM, Rebeca Coelho de Moura et al. Educational activities about risky sexual practices for students: experience report. **Rev Enferm Ufpi**, Recife, v. 5, n. 1, p.96-100, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3541/pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018

BARBOSA, Stella Maia et al. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 337-41, jul. 2010. ISSN 1518-1944. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/6710/6951>>. Acesso em: 09 out. 2018.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BESERRA, Eveline Pinheiro; ALVES, Maria Dalva Santos. Enfermagem e saúde ambiental na escola. **Acta paul. enferm.** [online]. 2012, vol.25, n.5, pp.666-672. ISSN 1982-0194. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000500004>.

BESERRA, Eveline Pinheiro; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 522-528, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2018

BRASIL_____. Decreto nº 8.901, de 10 de novembro de 2016. **Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Saúde**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8901.htm

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico. HIV/Aids 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e Aids. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (Pcdt): Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA. Saúde e educação integral das crianças, adolescentes e jovens**. Brasília: Ministério da Saúde 2014. 33 slides, color. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/0saudemental/Apresentacao_PSE_Tykanori.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde: **Boletim Epidemiológico: HIV/AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 1p. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2017>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

BRÊTAS, José Roberto da Silva et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 22, n. 6, p.786-792, jun. 2009. Disponível em: <<http://www2.unifesp.br/acta/pdf/v22/n6/v22n6a10.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

CAMPOS, Helena Maria et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 658-669, Abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000200658&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2018

CAVALCANTE, Maria Beatriz de Paula Tavares; ALVES, Maria Dalva Santos; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 555-559, Sept. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

CHAVES, Ana Clara Patriota et al. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 67, n. 1, p.48-53, jan/fev 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672014000100048>. Acesso em: 15 ago. 2018.

COLOME, Juliana Silveira; OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Corrêa de. Educação em saúde: por quem e para quem? A visão de estudantes de graduação em enfermagem. **Texto e contexto enferm**. [online]. 2012, vol.21, n.1, pp.177-184. ISSN 0104-0707. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000100020>.

CORTEZ, Elaine Antunes; SILVA, Lauanna Malafaia. Research-action: promoting health education with adolescents on sexually transmissible infections. **Journal of Nursing UFPE**, online, [S.l.], v. 11, n. 9, p. 3642-3649, sep. 2017. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234495/27699>>. Acesso em: 10 out. 2018.

DOMINGUES, Juliana Pereira; OLIVEIRA, Denize Cristina de; MARQUES, Sergio Correa. Representações sociais da qualidade de vida de pessoas que vivem com hiv/aids. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p.1-12, jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200324&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 ago. 2018.

DORETO, Daniella Tech; VIEIRA, Elisabeth Meloni. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p.2511-2516, out. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2007001000026&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 nov. 2017.

FERRAZ, Dulce Aurélia de Souza; NEMES, Maria Ines Battistella. Avaliação da implantação de atividades de prevenção das DST/AIDS na atenção básica: um estudo de caso na Região Metropolitana de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p.240-250, nov. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2009001400006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 nov. 2017

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira; PINHEIRO, Patrícia Neyva Costa da. Website for STD/HIV/AIDS Prevention for Catholic Teenagers: a Validation Study. *Online Brazilian Journal of Nursing*, [S.l.], v. 12, p. 637-39, out. 2013. ISSN 1676-4285. Disponível em: <<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4190>>. Acesso em: 01 out. 2018.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 112, n. 2, p.167-183, mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16107.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 351-357, Jun 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2018.

GENZ, Niviane et al. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto e Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p.1-12, jun. 2017. Trimestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n2/pt_0104-0707-tce-26-02-e5100015.pdf>. Acesso em: 04 nov. 17.

GUBERT, Fabiane do Amaral et al. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Rev. Eletr. Enf**, Fortaleza, v. 11, n. 1, p.165-172, mar. 2009. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/pdf/v11n1a21.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

MENDES, Karina dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.758-764, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-07072008000400018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 set. 2018.

MOHER, David et al. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 24, n. 2, p.335-342, jun. 2015. Instituto Evandro Chagas. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v24n2/2237-9622-ress-24-02-00335.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2018.

Oxford Centre for Evidence-Based Medicine. Levels of evidence. Oxford. Online, 2009 Disponível: <http://www.cebm.net/oxfordcentre-evidence-based-medicine-levels-evidencemarch-2009>. Acesso em 01 out 2018.

SILVA, Carlos dos Santos; BODSTEIN, Regina Cele de Andrade. Referencial teórico sobre práticas intersectoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 6, p.1777-1788, jun. 2016. UNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232016000601777&script=sci_abstract>. Acesso em: 15 set. 2018.

SOARES, Amanda Nathale et al. DISPOSITIVO EDUCAÇÃO EM SAÚDE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA E FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e0260016, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300302&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 mai. 2018.

SOARES, Sônia Maria et al. OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: REVELANDO VOZES, DESVELANDO OLHARES DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p.485-491, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a14.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p.102-106, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

SPINDOLA, Thelma et al. Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jovem: pesquisa bibliométrica. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 3037-3049, jul 2015. ISSN 2175-5361. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4644>>. Acesso em: 01 out. 2018.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288 p.

TAVARES LUNA, Izaildo et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às DST/AIDS. **Cienc. enferm.**, Concepción , v. 18, n. 1, p. 43-55, abr. 2012. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

UNAIDS. **Você sabe o que é HIV e o que é AIDS?** 2016. Disponível em: <<http://unaid.org.br/2017/03/voce-sabe-o-que-e-hiv-e-o-que-e-aids/>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

VALLI, Gabriela Petró; COGO, Ana Luísa Petersen. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 31-37, Set. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472013000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018.

ANEXO A

Itens do checklist a serem incluídos no relato de revisão sistemática (MOHER et al., 2015).

Seção/tópico	N.	Item do <i>checklist</i>
TÍTULO		
Título	1	Identifique o artigo como uma revisão sistemática, meta-análise, ou ambos.
RESUMO		
Resumo estruturado	2	Apresente um resumo estruturado incluindo, se aplicável: referencial teórico; objetivos; fonte de dados; critérios de elegibilidade; participantes e intervenções; avaliação do estudo e síntese dos métodos; resultados; limitações; conclusões e implicações dos achados principais; número de registro da revisão sistemática.
INTRODUÇÃO		
Racional	3	Descreva a justificativa da revisão no contexto do que já é conhecido.
Objetivos	4	Apresente uma afirmação explícita sobre as questões abordadas com referência a participantes, intervenções, comparações, resultados e delineamento dos estudos (PICOS).
MÉTODOS		
Protocolo e registro	5	Indique se existe um protocolo de revisão, se e onde pode ser acessado (ex. endereço eletrônico), e, se disponível, forneça informações sobre o registro da revisão, incluindo o número de registro.
Crítérios de elegibilidade	6	Especifique características do estudo (ex.: PICOS, extensão do seguimento) e características dos relatos (ex. anos considerados, idioma, a situação da publicação) usadas como critérios de elegibilidade, apresentando justificativa.
Fontes de informação	7	Descreva todas as fontes de informação na busca (ex.: base de dados com datas de cobertura, contato com autores para identificação de estudos adicionais) e data da última busca.
Busca	8	Apresente a estratégia completa de busca eletrônica para pelo menos uma base de dados, incluindo os limites utilizados, de forma que possa ser repetida.
Seleção dos estudos	9	Apresente o processo de seleção dos estudos (isto é, rastreados, elegíveis, incluídos na revisão sistemática, e, se aplicável, incluídos na meta-análise).
Processo de coleta de dados	10	Descreva o método de extração de dados dos artigos (ex.: formulários piloto, de forma independente, em duplicata) e todos os processos para obtenção e confirmação de dados dos pesquisadores.
Lista dos dados	11	Liste e defina todas as variáveis obtidas dos dados (ex.: PICOS, fontes de financiamento) e quaisquer suposições ou simplificações realizadas.
Risco de viés em cada estudo	12	Descreva os métodos usados para avaliar o risco de viés em cada estudo (incluindo a especificação se foi feito no nível dos estudos ou dos resultados), e como esta informação foi usada na análise de dados.
Medidas de sumarização	13	Defina as principais medidas de sumarização dos resultados (ex.: risco relativo, diferença média).
Síntese dos resultados	14	Descreva os métodos de análise dos dados e combinação de resultados dos estudos, se realizados, incluindo medidas de consistência (por exemplo, I^2) para cada meta-análise.
Risco de viés entre estudos	15	Especifique qualquer avaliação do risco de viés que possa influenciar a evidência cumulativa (ex.: viés de publicação, relato seletivo nos estudos).
Análises adicionais	16	Descreva métodos de análise adicional (ex.: análise de sensibilidade ou análise de subgrupos, metarregressão), se realizados, indicando quais foram pré-especificados.
RESULTADOS		
Seleção de estudos	17	Apresente números dos estudos rastreados, avaliados para elegibilidade e incluídos na revisão, razões para exclusão em cada estágio, preferencialmente por meio de gráfico de fluxo.
Características dos estudos	18	Para cada estudo, apresente características para extração dos dados (ex.: tamanho do estudo, PICOS, período de acompanhamento) e apresente as citações.
Risco de viés em cada estudo	19	Apresente dados sobre o risco de viés em cada estudo e, se disponível, alguma avaliação em resultados (ver item 12).
Resultados de estudos individuais	20	Para todos os desfechos considerados (benefícios ou riscos), apresente para cada estudo: (a) sumário simples de dados para cada grupo de intervenção e (b) efeitos estimados e intervalos de confiança, preferencialmente por meio de gráficos de floresta.
Síntese dos resultados	21	Apresente resultados para cada meta-análise feita, incluindo intervalos de confiança e medidas de consistência.
Risco de viés entre estudos	22	Apresente resultados da avaliação de risco de viés entre os estudos (ver item 15).
Análises adicionais	23	Apresente resultados de análises adicionais, se realizadas (ex.: análise de sensibilidade ou subgrupos, metarregressão [ver item 16]).
DISCUSSÃO		
Sumário da evidência	24	Sumarize os resultados principais, incluindo a força de evidência para cada resultado; considere sua relevância para grupos-chave (ex.: profissionais da saúde, usuários e formuladores de políticas).
Limitações	25	Discuta limitações no nível dos estudos e dos desfechos (ex.: risco de viés) e no nível da revisão (ex.: obtenção incompleta de pesquisas identificadas, viés de relato).
Conclusões	26	Apresente a interpretação geral dos resultados no contexto de outras evidências e implicações para futuras pesquisas.
FINANCIAMENTO		
Financiamento	27	Descreva fontes de financiamento para a revisão sistemática e outros suportes (ex.: suprimento de dados); papel dos financiadores na revisão sistemática.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

DISCIPLINA: INT 5182- TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PARECER FINAL DO ORIENTADOR SOBRE O TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, Professora Dra. Maria Lígia dos Reis Bellaguarda, presidente da Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Maitê Mota, intitulado “ Contribuições da Enfermagem nas Escolas de Ensino Médio Frente às Infecções Sexualmente Transmissíveis: revisão integrativa” confirmo a revisão do trabalho supracitado e a versão final atende as exigências de formatação e conteúdo para o atendimento da Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) para a Submissão no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Florianópolis, 19 de novembro de 2018.

Assinatura manuscrita da Professora Dra. Maria Lígia dos Reis Bellaguarda.

Maria Lígia Dos Reis Bellaguarda